



A psicossemiótica: um desejo inalcançável de Greimas

Ivan Darrault-Harris *

Tradução de Bruna Paola Zerbinatti **

Resumo: O texto procura mostrar alguns ecos e algumas descobertas que demarcam o percurso (inalcançável?) de constituição da psicossemiótica, as condições de elaboração de uma metodologia de análise para um *corpus* totalmente novo. Interessada pela investigação semiótica do comportamento dos sujeitos em interação no espaço terapêutico, a psicossemiótica, de herança greimasiana, na medida em que se delinea também pela busca de um modelo universal da geração da significação no mundo humano, em especial o das crianças e adolescentes, mostra a pertinência das estruturas narrativas subjacentes e sustentadoras da atividade comportamental para o levantamento de resultados descritivos e analíticos no diagnóstico dos transtornos e patologias, na criação de estratégias terapêuticas originais.

Palavras-chave: Greimas, psicossemiótica, comportamento, psicomotricidade, psicoterapia

Para um sábio, não há nada mais belo que
ver diante de si uma ciência a ser criada.
(L. Hjelmslev)

Para nós, o que caracteriza o pensamento de Greimas e reforça singularmente sua filiação intelectual a Saussure é, desde o início de suas reflexões semióticas, a capacidade de prever, ou melhor, de profetizar com lúcida audácia os desenvolvimentos futuros de um projeto científico que ainda não tinha nascido. Podemos, com efeito, entrever o plano a ser edificado desde “A atualidade do saussurismo” (Greimas, 1956) e, dez anos depois, uma marcante condensação de todo desenvolvimento posterior da metodologia e teoria semiótica em *Semântica Estrutural* (Greimas, 1976 [1966]).

Quem não se lembra do célebre gesto programático de Saussure, alucinando a semiologia ainda por nascer: “Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão”. (Saussure, 1975, p. 24).

Esse gesto evoca sem dúvidas aquele do vidente etrusco que, com seu bastão ritual (o *lituus*), traça

no céu um retângulo invisível, o *templum*¹, circunscrevendo o espaço em que o voo dos pássaros que o atravessa será o único significante.

Mas cada um de nós compreende bem que, se esse espaço que acolhe futuras significações é possível, é porque a extensão do entorno já está carregada de sentido: a *semiologia* será lá abrigada na mesma medida em que a linguística, englobante e delimitante, já nasceu, assim como as trajetórias proféticas dos pássaros só ganham sentido por relação aos trajetos banais das aves do entorno, que dizem apenas de seu deslocamento em si.

Greimas só contempla esse gesto saussuriano visionário no seu *Dicionário de semiótica*, em 1979, porque sua semiótica está essencialmente edificada e portanto ele pode engendrar um considerável espaço englobante que deixa aparecer as zonas ainda virgens a serem exploradas.

Eis então o que os autores do *Dicionário* falam da *psicossemiótica*, no início de uma longa entrada:

Deve-se prevenir desde já que o termo *psicossemiótica* aqui proposto, bem como o domínio que, segundo se julga, ele cobre, não existe e nada mais constitui do que um desejo piedoso por parte do semiotista. Uma única semiótica particular, a linguística, encontra-se, há

* Professor emérito em Ciências da Linguagem na Universidade de Limoges, França, e membro do Centro de Pesquisas Semióticas da mesma universidade. É também um dos responsáveis pelo Seminário de Semiótica de Paris e secretário da Associação Francesa de Semiótica. Endereço para correspondência: { ivandarr@numericable.fr } .

** Doutora em Semiótica e Linguística geral pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e psicanalista. Endereço para correspondência: { brunapaola@uol.com.br } .

¹ Termo correspondente ao grego *τέμενος*, de *τέμνω*, «cortar».

algum tempo, acoplada à psicologia e constitui a *psicolinguística*, considerada, desde os anos 1950, como uma disciplina autônoma. (Greimas; Courtés, 2008, p. 396)

Após ter realizado uma crítica severa às relações ditas interdisciplinares da linguística e da psicologia, embora chegando seja a uma psicologia da linguagem, seja a uma linguística psicológica; após ter constatado que a gramática gerativa, reservando-se ao estudo da competência, abandona o da performance para uma psicolinguística feita de interpretações heterogêneas; após ter admitido inevitáveis relações entre a semiótica e a psicanálise devido a pontos comuns: os valores profundos dos universos individual e coletivo, idioleal e socioleal, a descoberta de que “a vida interior” do ator chamado “pessoa” se traduz semioticamente por um número elevado de sujeitos sintáxicos coexistentes, visão próxima da tópica freudiana, os autores concluem desta forma a entrada do *Dicionário*:

Resta, por fim, um domínio semiótico ainda inexplorado – que só foi sugerido por Hjelmslev –, o das conotações* individuais, isto é, de um sistema de conotação (que dá lugar, provavelmente, a processos conotativos) que, paralelamente às conotações sociais, se encontram subjacentes a nossos discursos, constituindo, um pouco à maneira das caracterologias de outrora, uma tipologia imanente de personalidades, de maneiras de ser, de registros, de vozes e de timbres. É aí que uma *psicosemiótica*, que assuma tais semióticas, cujo modo de manifestação é sincrético*, poderia encontrar um campo de experimentação disponível. (Greimas; Courtés, 2008, p. 398)²

O desafio era então lançado em alto e bom som, mas o espaço ainda vazio estava claramente delimitado, o objeto da investigação definido, teoricamente fundado: faltava inventar, pelo menos, a metodologia para enfrentar tal complexidade sincrética da manifestação identitária do sujeito e que constituísse um estrato subjacente aos nossos discursos.

1 A questão do sincretismo

Começar a realizar esse desejo provindo de um desafio que já preconizava sólidas dificuldades (um desejo inalcançável não seria um desejo do irrealizável?) só pôde ser vislumbrado graças à nossa função³, no início dos anos 1980, que consistia em assegurar, entre outros, a formação de especialistas em psicomotricidade infantil, a fim de reduzir os transtornos provindos de eventuais patologias. Essas responsabilidades nos

levaram a assistir a numerosas sessões de psicomotricidade tanto educativa quanto terapêutica, com crianças gravemente deficientes, portadoras de privações sensoriais ou de perturbações psicológicas graves.

Possuindo então como projeto a análise semiótica do comportamento dos sujeitos em interação no espaço terapêutico (a situação mais simples), filmamos as sessões (era o início das câmeras portáteis) e elaboramos uma metodologia de análise deste corpus completamente novo.

É certo que, há muito tempo, a semiótica greimasiana havia deixado o domínio da literatura oral e escrita para abordar os discursos não literários (jurídico, filosófico, científico, etc.) como também o quadro, a imagem publicitária, a fotografia, a arquitetura, a música, e as produções sincréticas que são, por exemplo, o circo, o teatro e o cinema. E não havia Greimas analisado muito precocemente, com a ajuda de Moustapha Safouan, sessões de psicodrama analítico⁴?

É preciso lembrar igualmente que Greimas, ainda que tenha inicialmente construído sua teoria semiótica a partir apenas dos discursos verbais, sempre vislumbrou extrapolar os modelos obtidos e aplicá-los à ação humana, não mais “de papel” (era sua expressão favorita), mas bem real, de carne e osso.

Assim, desde 1968, em um número da revista *Langages* intitulado “Pratiques et langages gestuels”⁵, Greimas abriu a perspectiva de uma semiótica do mundo natural, das práticas humanas e propôs, entre outras, uma tipologia das formas da comunicação gestual (atributiva, modal, mimética, lúdica).

Confrontado, então, com o comportamento humano, com a manifestação sincrética de diversos sistemas semióticos, era necessário tomar decisões metodológicas indispensáveis, talvez apenas para escapar das divagações da cinésica americana⁶ (fundada por Ray Birdwhistell e rapidamente abandonada), que estava confinada ao estudo dos movimentos das sobranceiras do americano médio, por exemplo, assim como do abanar de cabeça: sacrificava-se então definitivamente a globalidade do sujeito produtor de significações comportamentais, renunciando – infelizmente! – à hipótese de uma coerência semântica do “discurso” comportamental tomado como um todo de significação.

Uma primeira decisão, a partir do suporte fílmico, consistiu em segmentar o fluxo comportamental em sequências – unidades mais fáceis de manipular – assinalando as disjunções comparáveis metodologicamente às disjunções que autorizavam a segmentação

² Os asteriscos remetem a outras entradas correlatas do dicionário.

³ Era então Diretor de estudos de um centro regional de formação de professores especialistas no acolhimento da dificuldade e da deficiência das crianças e adolescentes. O ministério da educação formava então psicomotricistas que trabalhavam dentro da escola.

⁴ Cf. Greimas, A. J., « Le modèle transformationnel et le psychodrame ». *Sémantique structurale*. Paris: Larousse, 1966. pp. 213-221.

⁵ Cf. Greimas, A. J. Condições para uma semiótica do mundo natural. In: Greimas, A. J. *Sobre o sentido*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975. pp. 46-85.

⁶ Cf. Extratos apresentados por R. L. Birdwhistell em « L'analyse kinésique ». *Langages*, vol. 3, n. 10, 1968. pp. 101-106. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1968_num_3_10_2553

de um texto literário (Greimas, 1976). Podia também aparecer a arquitetura da sessão e o eventual encadeamento de sequências que esclareciam a organização hierárquica dissimulada pela sequência linear dos comportamentos.

A segunda decisão, essencial, em total ruptura com a cinésica anteriormente evocada, foi a de “provo-car um curto-circuito na análise exaustiva do signifi-cante”⁷ multiforme para encontrar logo de início o nível subjacente das estruturas narrativas sobre as quais tínhamos a hipótese de que engendravam e regulavam a totalidade do comportamento perceptível de superfície. Em seguida, poderíamos, é claro, retornar, mas muito melhor armados, aos sistemas semióticos de manifes-tação sincrética diretamente perceptível: linguagem, mímicas, gestualidade, posturas, proxêmica, etc.

Nesse laboratório ideal constituído pelo espaço tera-pêutico fechado, nossa psicosssemiótica era elaborada, descobrindo então a pertinência das estruturas pro-fundas narrativas (manipulação, ação, sanção) para dar conta das interações comportamentais entre o paciente e seu terapeuta e, particularmente, da *distri-buição*, em superfície, da narratividade convertida em significantes verbais, gestuais, proxêmicos, etc.

Muito rapidamente surgiram fatos narrato-patológicos: sincretismos actanciais excessivos (Desti-nador/Sujeito) no caso de pacientes ditos caracteriais, e traços de autoagressividade nos pacientes portado-res de grave inibição. Surgiram também perturbações do percurso gerativo em pacientes pré-psicóticos que produziam, por exemplo, metáforas patológicas por injeção direta do conteúdo profundo “morte”, provocando um curto-circuito na camada narrativa que poderia dar sentido à referida metáfora: desse modo, tal criança declarava com assombro que a *bola* é um cogumelo mortal, o *bastão*, uma serpente perigosa, etc. (esses objetos estavam presentes na sala de psicomotricidade).

Essa descoberta da pertinência inesperada das estruturas narrativas subjacentes e sustentadoras da atividade comportamental não gerou apenas resulta-dos descritivos e analíticos. Ela também permitiu alimentar o diagnóstico dos transtornos e patologias e autorizou a elaboração de estratégias terapêuticas originais, tais como as que consistem em obter, no sujeito pré-psicótico, o abandono das metáforas “pato-lógicas” e a produção, de novo, de metáforas “normais”: grandes blocos de espuma figurativizavam as rochas em uma praia e as cordas, as ondas que as cobriam.

⁷ Essa expressão é a mesma utilizada por Greimas que, em uma carta de 13 de janeiro de 1980, tendo lido nossa primeira análise de uma sessão de psicomotricidade, felicitou-nos por tal decisão.

⁸ Tratava-se do serviço intersetorial de psiquiatria infanto-juvenil do Centro Hospitalar de Blois (França), dirigido pelo psiquiatra J. P. Klein, pioneiro da Arte-terapia na França.

2 A contribuição da teoria das ins-tâncias

Conservando as aquisições dessa gramática com-portamental, é a mobilização da teoria das instâncias (Coquet, 1997; 2007) que, ao propor uma análise fina das posições subjetais, levou nossa psicosssemiótica a um indispensável desenvolvimento. Merleau-Ponty e Benveniste, as referências essenciais de Coquet, per-mitiram de fato a reintrodução do corpo do sujeito enunciador, dando à nossa abordagem da psicomotri-cidade uma dimensão nova e plenamente heurística.

É exatamente o cálculo preciso das posições sub-jetais do paciente que nos permitiu, por exemplo, for-necer um conteúdo semiótico original à definição tão vaga quanto heterogênea do estado patológico denomi-nado seja *pré-psicótico*, seja *borderline* ou ainda *estado-limite*. A análise mostra com efeito a existência de um “sujeito-cruzamento”, que experimenta muito breve-mente posições subjetais variadas, indo do não-sujeito ao sujeito dito de busca, ou seja, muito difícil de se reconhecer e acompanhar por seu terapeuta (Darrault, 1995). Esta foi a ocasião de verificar que aquilo que chamamos de *ciclo de histerese* em física (em que um pedaço de ferro brevemente imantado guarda uma *re-miniscência* de imantação) encontrava seu equivalente em psicoterapia: o paciente pré-psicótico “imantado” pelo comportamento normal (neurótico) do terapeuta poderia conservar, ao menos por alguns instantes, um comportamento e um discurso que traduzia essa posição subjetal.

3 Descoberta da Arte-terapia

O exercício efetivo da psicoterapia, em um serviço hospitalar de psiquiatria infantil⁸, abriu novas e ri-cas perspectivas à nossa psicosssemiótica, graças às percepções da posição do clínico, do terapeuta. Além disso, as orientações do serviço que nos acolhia, arte-terapêutico, completaram nossa experiência anterior (muito centrada na terapia psicomotora) por meio do recurso à criação, multiforme, como operador central de mudança do sujeito.

A psicosssemiótica, em relação à psiquiatria e à psicoterapia, encontrou então um lugar, uma posição graças à qual adquiriu um reconhecimento precioso nos anos de 1990. Com efeito, ela contribuiu bastante para a elaboração de uma teoria da mudança humana, denominada *Teoria da Elipse* (Darrault-Harris; Klein, 1993), dispositivo constituído por dois lugares de enun-ciação bem distintos (os focos da elipse), um lugar de

dicção e um lugar de *ficção* em interação complexa, permitindo ao paciente deslocar seus sintomas em um espaço de criação ajustado a sua problemática, com a finalidade de operar sua conversão semiótica em uma linguagem de criação cuidadosamente escolhida (a linguagem, a pintura, a música, o teatro, etc.).

Perseguindo seu trabalho de ajuda eficaz ao diagnóstico, a psicosemiótica se engajou na co-elaboração do projeto terapêutico e sobretudo permitiu analisar as produções dos pacientes na atividade criadora: discursos verbais orais e escritos, pinturas, desenhos, modelagens, colagens, sequências musicais, sequências de marionetes, etc.).

A teoria das instâncias continuava a sustentar a análise das posições subjetais, trazendo assim preciosos critérios de avaliação do percurso terapêutico.

4 Autópsia de um sintoma

O caso de François-Xavier, de 8 anos, nos esclareceu sobre um fenômeno marcante de sincretismo: o sintoma aparecia como tendo encapsulado a futura psicoterapia em si. Analisar o sintoma semioticamente não permitia, como veremos, compreender a causa da aparição, no fim das contas compreensão pouco útil, mas, por outro lado, tornava imediatamente possível a construção do projeto terapêutico.

François-Xavier apresentava duas séries de comportamentos-sintoma em dois lugares diferentes. Essa série dupla terá as vantagens da pedra de Roseta, que apresentava o mesmo texto em três línguas diferentes, daí o hieróglifo, o que permitiu a Champollion compreender a economia da escrita egípcia, ininteligível até então.

François-Xavier, na sala de aula da escola, recusava-se obstinadamente a ler e escrever (apesar de sua professora saber que ele era capaz de cumprir essas duas tarefas) e, no pátio, tentava explorar as zonas corporais proibidas de suas colegas meninas, chegando mesmo a se desnudar. Sob a pressão dos pais dos alunos, sua expulsão da escola foi seriamente considerada.

A análise desses sintomas tão diferentes fez surgir uma isotopia que os aproximasse em um todo semântico coerente: a *isotopia escópica* esclarecia o ler e escrever como atividades da ordem do *ver* e do *ser visto*⁹, do mesmo modo que as atividades condenáveis de voyeurismo e exibicionismo. Para resumir, François-Xavier se proibia excessivamente na sala de aula de duas atividades que, no pátio, permitia também em excesso: os sintomas se mostravam simultaneamente.

⁹ Françoise Dolto insistia com razão nas dificuldades de acesso à leitura na criança, que sentia inconscientemente a *leitura* como uma atividade proibida, marcada pela visão da sexualidade adulta. Ela chegava até a mostrar que o verbo “lire” [ler] em sua forma “lit” [lê], designa o lugar de exercício dessa sexualidade secreta. ([N. da T.] “Lit”, em francês é, ao mesmo tempo a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo “ler” e o substantivo “cama”).

¹⁰ Denominamos essas zonas perigosas para a condução da psicoterapia *Charybde* (a zona sintomática) e *Scylla* (a zona de conforto).

O projeto terapêutico tinha que levar em conta principalmente a isotopia escópica, fio condutor do sintoma, encontrando para ele uma atividade de criação que anulasse, se possível, essa dimensão. Tanto não se deve propor ao paciente um trabalho situado na zona sintomática quanto não é aconselhável se instalar com ele em uma zona de muito grande conforto (lá onde seus processos defensivos estão solidamente estabelecidos)¹⁰.

Após uma reflexão madura, foi-lhe proposto animar marionetes, no palco do teatro de fantoches, *nem vendo, nem sendo visto*, tendo o terapeuta como público. François-Xavier aceitou de pronto esse dispositivo de criação e corria para o palco, desde a primeira sessão, após ter pego três marionetes: um menino, uma menina e um palhaço.

A primeira sequência narrativa que ele inventou justificou imediatamente os fundamentos da proposição terapêutica: as duas crianças aparecem juntas, chorando por não poderem, por falta de dinheiro, ir assistir ao espetáculo do palhaço. Eles desaparecem, deixando o lugar para o palhaço que chora por não ter espectadores em seu espetáculo: a dimensão escópica é imediatamente reintroduzida.

Todos se reencontram por fim e o palhaço adianta para as crianças o dinheiro do espetáculo para que elas possam assisti-lo.

François-Xavier procede, como vemos, por uma *dessincretização* dos sintomas constatados pela atuação de um texto coerente distribuindo os papéis a personagens bem distintos, e distinguindo as ações (“voyeurismo” e “exibicionismo” dessexualizados) que ele assumia em sincretismo. Esta operação de *dessincretização* será repetida diversas vezes ao longo das sessões seguintes, mas com variações contínuas das personagens, dos lugares, das atividades efetuadas, dos roteiros imaginados.

A *dessincretização* é, portanto, a nossos olhos, o operador fundamental da mudança, sendo o sincretismo, por outro lado, o modo de existência do sintoma, a chave de sua formação.

Ao longo dessa curta terapia (uma dúzia de sessões), François-Xavier abandonou rapidamente seus comportamentos de voyeur-exibicionista e foi mantido na escola. Seguiu-se a aceitação da leitura, com a recusa da escrita, resistindo em um primeiro momento, mas terminando por ceder.

Se a psicoterapia permitiu o abandono definitivo dos sintomas, haveria sem dúvidas muito a dizer sobre o que causou sua aparição, o sintoma sendo, como sabemos, uma produção inconsciente que permite ao sujeito preservar uma “fala” (quando a linguagem ver-

bal é impossível) e tentar atingir o Outro. Mas esta compreensão da causa e do sentido do sintoma não é necessária, como vimos, para promover com êxito, sobre bases sólidas, a psicoterapia.

5 A semiose corpo/psique na adolescência

Há alguns anos nossa investigação psicosemiótica dos discursos e comportamentos adolescentes, considerando as lições da fenomenologia, conduziu-nos a teorizar a articulação semiótica corpo/psique em um período da vida em que as mutações do corpo (a puberdade) geram modificações e inovações espetaculares. Essa teorização se abre, como veremos, com a proposição de um novo modelo do engendramento da significação no seio do comportamento, com um novo percurso gerativo (Darrault-Harris, 2008).

Sem retomar aqui o velho problema filosófico das relações do corpo e da alma, uma semiótica cuidadosa como a nossa, com o estudo de maneira original do comportamento humano (tornando-se assim *etossemiótica*), deve, de fato, se apoiar em uma semiótica do corpo, mas exige também a explicitação do ponto de articulação entre o corpo e a psique: semiotização da glândula pineal cartesiana, portanto, ponto de constituição de uma semiose.

Devemos a resolução desse problema (como fazer entrar corpo e psique articulados em um modelo semiótico) ao psicanalista Paul-Laurent Assoun, que Jean Petitot e eu convidamos ao seminário de semiótica da EHESS, o qual, em sua obra notável *Corpo e sintoma* (1997), retoma uma importante descoberta de Freud.

Na lição III, intitulada “Do corpo à neurose: a fantasia em ação”, Paul-Laurent Assoun cita Freud (1917):

Ocorre frequentemente que, em pessoas predispostas à neurose, sem sofrer precisamente de uma neurose declarada [literalmente: chega a florescer (*floriden Neurose*)], uma transformação corporal (*Körperveränderung*) – por inflamação ou lesão – desperta o trabalho do sintoma de tal modo que esse sintoma dado pela realidade se faz o representante de todas essas fantasias inconscientes que esperam a ocasião de se apropriarem de um meio de expressão. (Freud *apud* Assoun, 1997, p. 35)¹¹

Uma leitura semiótica dessa citação leva a ver nessa conjunção da fantasia com uma transformação corporal, denominada como sintoma representante,

¹¹ Tradução nossa para o trecho original: « Il arrive assez fréquemment que, chez des personnes qui sont disposées à la névrose, sans souffrir précisément d'une névrose déclarée [littéralement : parvenue à la floraison (*floriden Neurose*)] une transformation corporelle (*Körperveränderung*) – par inflammation ou lésion – éveille le travail du symptôme, de telle sorte que ce symptôme donné par la réalité se fait le représentant de tous ces fantasmes inconscients qui guettent l'occasion de s'approprier un moyen d'expression ».

¹² Tradução nossa para o trecho original: « L'événement du corps organique produit donc l'éveil du symptôme qui 'sommeillait' ».

¹³ Tradução nossa para o trecho original: « Les fantasmes inconscients passent à l'action : « à moi de jouer », tel est le mot d'ordre du fantasme, en la conjoncture que lui offre le corps complaisant. »

¹⁴ Tradução nossa para o trecho original: « Le fantasme prend corps, sous l'effet de la modification corporelle ».

¹⁵ A temática da transmissão foi a do seminário semiótico de Paris, que coordenamos, durante o ano de 2014-2015.

uma verdadeira operação de *semiose* que faz a passagem de uma neurose em potência, virtual então, a uma neurose em ato (lembramos que para Freud a neurose é bem mais do que uma patologia, é uma forma de existência psíquica). A transformação corporal forma com a fantasia uma *entidade semiótica* que permaneceu virtual, à espera de sua aparição: “O acontecimento do corpo orgânico produz então o despertar do sintoma que ‘cochilava’” (Assoun, 1997, p. 36)¹². Lembremos que Freud compara as fantasias aos cachorros que dormem com um só olho fechado. “As fantasias inconscientes passam à ação: ‘minha vez de jogar’, tal é a palavra de ordem da fantasia, na conjuntura que oferece o corpo complacente.” (p. 37)¹³ Sem o disparador central, a “semente de saúde”, as fantasias continuariam inativas, contentando-se de “espionar” do lado de sua realização. “A fantasia toma corpo, sob o efeito da modificação corporal” (p. 37).¹⁴

Como então relacionar essa bela análise com a questão que nos preocupa atualmente: a compreensão de um fracasso da *transmissão*¹⁵ no adolescente, fracasso ligado à questão da mutação corporal da puberdade?

Esclareçamos, de início: a adolescência não é uma doença, um período de surgimento de uma patologia orgânica. Entretanto, ela é um período de transformação corporal profunda, e vimos que Freud insiste no termo *Veränderung*, de transformação da forma corporal, que convoca irresistivelmente a junção semiótica com a fantasia.

Se o corpo adolescente não sofre de uma doença orgânica, inflamação ou lesão, ele não é menos *vulnerável* (F. Dolto compara o adolescente à *lagosta* que, ao trocar de carapaça fica transitoriamente muito vulnerável), vítima de um efeito de castração real: a perda do corpo infantil, embora cômodo e confortável e não submetido a transformações incontroláveis. A este luto é preciso, sem dúvidas, acrescentar outros dois: aquele dos genitores do corpo infantil, os pais, e aquele do corpo sonhado para o qual infelizmente não convergem as transformações constatadas.

Se é fácil de notar na adolescência a espetacular transformação corporal, resta evidentemente descobrir as fantasias “à espreita” que constituem a entidade semiótica completa na qual gostaríamos de enxergar uma causa – ou *acausa* – do fracasso constatado da transmissão.

Não é inútil lembrar a definição de fantasia (*Phantasie*) que, na própria origem da psicanálise mos-

tra sua qualidade de noção particularmente integrável a um modelo semiótico do comportamento, uma vez que já é entidade narrativa:

Roteiro imaginário em que o sujeito está presente e no qual figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em último recurso, de um desejo inconsciente. A fantasia se apresenta por meio de modalidades diversas: fantasias conscientes ou sonhos diurnos, fantasias inconscientes que a análise revela como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto, fantasias originárias. (Laplanche; Pontalis, 2002, p. 152)¹⁶

Foi nossa experiência clínica com adolescentes que nos permitiu a descoberta da existência de um tal roteiro fantasioso, cuja manifestação, segundo a definição de Laplanche e Pontalis (2002), pode ser percebida em todos os lugares da tópica freudiana, conscientes e inconscientes.

Para melhor compreender sua originalidade, evocamos uma fantasia infantil bastante comum, aquela em que o sujeito imagina que seus genitores não são seus pais, mas que ele foi adotado ou até mesmo comprado de seus verdadeiros pais (um amigo, escritor famoso, imaginava ter sido vendido por boêmios e procurava, em lágrimas, sua verdadeira família assim que trailers se instalavam na cidade: reencontramos aí vários romances do século XVIII, expansão literária da fantasia).

A fantasia adolescente despertada pela mutação da puberdade é diferente: o adolescente imagina a possibilidade de ocupar tanto seu lugar como também o lugar de seus genitores, realizando o que chamamos de um ato de *auto-engendramento*. Trata-se então de um questionamento dos mais radicais da única *transmissão não recusável*, aquela de um genoma que produz um corpo sexuado, sem esquecer que a psique em si é o resultado da história geracional e das interações familiares.

Essa fantasia ativada na adolescência, associada ao corpo em mutação, permite que compreendamos o engendramento dos comportamentos, das condutas tipicamente adolescentes, seja as condutas chamadas de risco, seja as produções simbólicas que emergem neste período, como as práticas de escrita que surgem na adolescência.

Alguns exemplos destes comportamentos ilustram a recusa da transmissão e a busca de situações de auto-engendramento, mesmo que seja evidente que a realização da fantasia é da ordem de uma ficção impossível. As condutas de risco do adolescente são hoje múltiplas, começando pela mais divulgada: a absorção rápida de uma grande quantidade de álcool, que leva quase sempre ao coma alcoólico. Tomemos uma das

condutas mais comuns para mostrar sua sintagmática, essencial a sua compreensão.

Um adolescente, à noite, sem capacete, em uma moto sem farol, avança o sinal vermelho em um cruzamento movimentado e perigoso. O risco, ele sabe bem, pode ser fatal e é exatamente o que dá sentido a essa atuação (poderíamos pensar nesta cena do famoso filme de Nicholas Ray - *Juventude Transviada* (1955) - em que James Dean dirige um carro em direção a um precipício saltando dele no último instante. O título original é ainda mais explícito: *Rebel without a cause* [Rebelde sem causa]).

A travessia tão arriscada do cruzamento engendra sem dúvidas pelo menos medo, mas o sucesso da performance produz um verdadeiro júbilo: o adolescente que colocou em risco sua vida está agora iniciando uma nova existência da qual ele é a única fonte. É um ato de reatualização, de *reinicialização*.

Constatamos com frequência, infelizmente, que o resultado desse ato é efêmero e será necessário recomençar, sem dúvidas aumentando os riscos, e estamos aqui diante de uma espécie de vício progressivo para preservar a intensidade da emoção induzida. Não posso deixar de pensar em um outro exemplo: nos adolescentes viciados em heroína, que injetam conscientemente (o jogo “do zíper”) uma overdose para retirar imediatamente o sangue na seringa: eu me mato, eu me faço viver.

Exemplo extremo: algumas tentativas de suicídio ocorrem devido à tomada de consciência aguda da impossibilidade de se fazer nascer de novo, de estar na origem de sua própria existência. Vem daí essa tentação de um ato possível da retomada do controle: colocar fim aos seus dias por não poder dominar o começo.

O encontro (regulamentado) com adolescentes que tinham cometido uma tentativa de suicídio nos confirmou essa hipótese. Tal é o caso desta adolescente, ainda internada na pediatria (a clínica deve ser compreendida no sentido literal) a quem decidimos mostrar, sem comentários, um detalhe da Capela Sistina de Michelangelo: a cena célebre em que Deus estende sua mão a Adão, que faz o mesmo gesto a Deus; as mãos vão se encontrar e a vida vai tomar o primeiro homem. Representação magnífica para nós do *hetero-engendramento* intensamente desejado pela Criatura.

A adolescente fica fascinada por essa cena e então criamos a hipótese de que ela participou, de maneira decisiva, ao abandono do desejo mortífero de colocar em ato a fantasia do auto-engendramento.

¹⁶ Tradução nossa para o trecho original: « Scénario imaginaire où le sujet est présent et qui figure, de façon plus ou moins déformée par les processus défensifs, l'accomplissement d'un désir et, en dernier ressort, d'un désir inconscient. Le fantasme se présente sous des modalités diverses: fantasmes conscients ou rêves diurnes, fantasmes inconscients tels que l'analyse les découvre comme structures sous-jacentes à un contenu manifeste, fantasmes originaires ».

Conclusões

Eis aqui, sucintamente, alguns ecos e algumas descobertas que demarcam o percurso da constituição da psicosemiótica, ocupando pouco a pouco esse espaço inicialmente vazio, mas conotado de desejos, de desejos inalcançáveis.

O leitor terá compreendido que o desenvolvimento de nossa psicosemiótica implicou, passo a passo, importantes remanejamentos epistemológicos e, particularmente, o abandono do princípio de imanência pelo princípio de realidade, com a preocupação de resuscitar o sujeito e seu corpo, instância de base, como também de situar nossa pesquisa em uma dimensão interdisciplinar, de modo que é impossível e insensato imaginar uma tal elaboração ignorando a etologia, a psicanálise, a psiquiatria e, hoje mais do que nunca, as ciências cognitivas.

Pudemos assim conquistar, não sem esforços, um certo reconhecimento e trabalhar em favor dos projetos pelos quais militamos há décadas, ou seja, entre outros, os planos e formações de prevenção de transtornos, patologias e condutas de risco de crianças e adolescentes. Sem, por isso, renunciar à identidade específica de nossa disciplina que se resume talvez nessa herança greimasiana inesquecível: a busca de um modelo universal da geração da significação dentro do mundo humano, aquele, precisamente, da significação.

Continuemos então com este desejo, inalcançável ou não, e desenhemos, no céu da pesquisa futura, os *templa* a decifrar, sem temer colocar os pés no território das outras ciências humanas. ●

Referências

- Assoun, Paul Laurent.
1997. *Corps et symptôme*. Tome 1: Clinique du corps. Paris: Economica Anthropos.
- Birdwhistell, Ray.
1968. L'analyse kinésique. *Langages*, n. 10. pp. 101-106.
- Coquet, Jean Claude.
1997. *La Quête du sens*. PUF: Paris.
- Coquet, Jean-Claude.
2007. *Phusis et Logos*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes.
- Darrault-Harris, Ivan.
1995. Instabilité et devenir aux marges de la psychose: sémiotique de l'état-limite. In: Fontanille, Jacques. (éd.). *Le Devenir*. Limoges: PULIM. pp. 47-56.
- Darrault-Harris, Ivan.
2008. Un modèle génératif des comportements et discours adolescents. In: Darrault-Harris, Ivan; Fontanille, Jacques. (éds.). *Les Âges de la vie*. Sémiotique de la culture et du temps. Paris: PUF. pp. 367-379.
- Darrault-Harris, Ivan; Klein, Jean-Pierre.
2010. *Pour une psychiatrie de l'Ellipse*. Les aventures du sujet en création. Limoges: PULIM. [Post-face de Paul Ricœur, avec une préface de Jacques Fontanille.]
- Freud, Sigmund.
1917. La nervosité commune. *Leçons d'introduction à la psychanalyse*. XXIVème leçon, G.W., XI.
- Greimas, Algirdas Julien.
1956. L'actualité du saussurisme. *Le Français moderne*, n. 24. pp. 191-203. Versão traduzida disponível em: http://www.lettres.ufscar.br/linguasagem/edicao04/04_010.php
- Greimas, Algirdas Julien.
1966. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse, Paris, 1966.
- Greimas, Algirdas Julien.
1976. *Semântica estrutural*. Trad. Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- Greimas, Algirdas Julien.
Condições para uma semiótica do mundo natural. In: Greimas, A. J. *Sobre o sentido*. Trad. Ana Cristina Cruz Cezar et alli. Rio de Janeiro: Vozes, 1975. pp. 46-85.
- Greimas, Algirdas Julien.
1970. *Du Sens*. Paris: Seuil.
- Greimas, Algirdas Julien.
1975. *Sobre o sentido*. Trad. Ana Cristina Cruz Cezar et alli. Rio de Janeiro: Vozes
- Greimas, Algirdas Julien.
1976. *Maupassant*. La sémiotique du texte. Paris: Seuil.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph.
1979. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph.
2008. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et alli. São Paulo: Contexto, 2008.
- Laplanche, Jean; Pontalis, Jean-Bertrand.,

2002. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF.

Saussure, Ferdinand.

1975. *Curso de Linguística geral*. São Paulo: Cultrix.

Dados para indexação em língua estrangeira

Darrault-Harris, Ivan

La psychosémiotique: un vœu pieux de Greimas

Estudos Semióticos, vol. 13, n. 2 (2017)

ISSN 1980-4016

Résumé: *Ce texte constitue un effort de mise au point sur quelques échos et quelques découvertes jalonnant le parcours de la constitution de la psychosémiotique en vue de l'élaboration d'une méthode d'analyse pour un corpus jusqu'alors inexploré, à savoir celui du comportement des sujets en interaction dans l'espace thérapeutique. Parallèlement à sa recherche d'un modèle universel de l'engendrement de la signification dans le monde humain et tout spécialement dans celui des enfants et des adolescents, la psychosémiotique met à nu la pertinence des structures narratives sous-tendant l'activité comportementale face à l'établissement de résultats descriptifs et analytiques, dont ceux du diagnostic des troubles et des pathologies pour lesquels elle crée des stratégies thérapeutiques inédites.*

Mots-clés: *Greimas ; psychosémiotique ; comportement ; psychomotricité ; psychothérapie*

Como citar este artigo

DARRAULT-HARRIS, Ivan. A psicosemiótica: um desejo inalcançável de Greimas. *Estudos Semióticos*. [online], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017, p. 102–109. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 21/06/2017

Data de sua aprovação: 16/08/2017
